

Amazônia, Ano Zero.

De Hugo do Nascimento [org.];
Curadoria compartilhada com Luah Sampaio;
Colaboração de Flavia do Amaral;
Versos cedidos por Hugo Caetano;
Revisão de texto de Raphíssima.

NOTAS DE ENTRADA

Amazônia, Ano Zero é resultado de um exercício de des_montagem a partir de materiais de arquivo. Trabalho de citação, de arranjo e composição. Costura geopoliticamente situada, tece uma encruzilhada que não oferece pontos de chegada, apenas lugares de passagem. Se esforça na tentativa de acompanhar o devir do território em disputa que narra. Apenas sugere caminhos e rabisca mapas. Mais nada...



[...]

Estamos na Amazônia Brasileira, envoltos na maior província mineral do planeta, seguramente área de maior concentração do capital natural (floresta, água, minério e biodiversidade) e de populações tradicionais, para o grande capital não passa de uma fronteira de expansão. São 110 milhões de toneladas de minério de ferro extraído da Floresta Nacional de Carajás por ano. Segundo propaganda da Vale, foi com esse metal que se ergueu mais da metade de Xangai, na China – o principal importador de minério. E a companhia pretende dobrar a produção em quatro anos: em junho deste ano, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) concedeu a licença prévia para o “maior projeto da história da Vale”, a mina S11D, com investimento de US\$ 19,4 bilhões entre abertura de mina e obras de logística para escoar a produção. Cerca de 17 mil trabalhadores ocupavam o canteiro de obras do mais novo projeto da Vale, o S11D, em Canaã dos Carajás. Com o término da obra, menos da metade dos trabalhadores foi contratada. O restante ficou na cidade sem perspectiva de trabalho. *Ali ao redor do S11D era uma área de assentamentos da década de 80/ 90 que a Vale foi readquirindo, concentrando terras ao redor do projeto. A Vale, ela foi grilando essas terras, comprando de novo de pequenos agricultores e fazendo toda uma estratégia para que esses agricultores vendessem as terras pra ela.* O despejo que deveria acontecer apenas na área da Fazenda Santo Antônio, onde os lotes foram comprados ilegalmente pelo fazendeiro Evandro de Deus Vieira, acabou se estendendo para o assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) [...] famílias foram despejadas de forma violenta em agosto de 2011. As terras desocupadas foram compradas de forma ilegal e anexadas à fazenda Santo Antônio, posteriormente vendidas também de forma ilegal para a Vale. *Os movimentos ocuparam essas terras. Ocuparam os territórios da VALE, era a estratégia jurídica. Aí começa uma batalha judicial...*



[...]

Já faz seis anos que a quarta maior usina hidrelétrica do mundo, a UHE de Belo Monte, entrou em operação. A maior obra de um governo democrático, planejada na ditadura civil-militar (1964-1985). Foram mais de três décadas de luta pelos direitos dos povos amazônicos. O que a mobilização indígena e a pressão internacional foram capazes de impedir nos anos 1980, não se repetiu nos anos 2010. As ameaças se sofisticaram, neoliberalismo e a exploração do trabalhador corroboraram o fortalecimento do projeto desenvolvimentista na região. Violações de direitos humanos e a produção de desigualdades foram sua principal marca, além da alteração da paisagem.

A Volta Grande do Xingu, onde vivem indígenas Arara, Juruna, povos ribeirinhos, extrativistas, garimpeiros artesanais, pescadores, foi a região mais impactada pela construção da usina, tendo a vazão do rio reduzida para a construção do reservatório... *os igarapés viraram chão, as roças estão pálidas, os animais morrem aos montes, as famílias que se sustentam da vida gerada pelo rio se empobrecem...* a população de Altamira aumentou de 99 mil para 145 mil habitantes... indígenas em situação de pobreza se multiplicaram pelas ruas da cidade... vinte mil pessoas perderam suas casas na parte mais baixa da cidade, *domingo à noite a água foi subindo, subindo, até que segunda-feira tava tudo embaixo d'água, barraram lá e aí alagou tudo na Ilha do Muruci.*

Enquanto se discute se a vida do rio Xingu vai sobreviver... A mineradora canadense Belo Sun Mining Co. vem realizando transações e acordos de compra de terra questionados na Justiça. A empresa teve sua Licença de Instalação suspensa pela Justiça Federal em 2017, em razão da ausência de estudos do componente indígena no Estudo de Impacto Ambiental e do processo de Consulta Livre Prévia e Informada aos povos indígenas e ribeirinhos atingidos. A empresa aguarda resposta da Fundação Nacional do Índio e da Secretaria Estadual de Meio Ambiente do Pará para prosseguir com o processo de licenciamento...



[...]

Em 97 foi criado em Nova Ipixuna o primeiro Projeto de Assentamento Extrativista [...] tinha uma cobertura vegetal de 85% de floresta nativa, hoje com a chegada das madeiras resta apenas 20%, é um desastre pra quem vive do extrativismo como eu que sou castanheiro desde os 7 anos de idade... vivo da floresta, protejo ela de todo jeito, por isso eu vivo com a bala na cabeça a qualquer hora... a mesma coisa que fizeram com Chico Mendes no Acre querem fazer comigo. Em 1999, Zé Cláudio e Maria¹ integraram uma comitiva que partiu de Nova Ipixuna em direção a Xapuri, no Acre, para aprender diretamente com as experiências da/os seringueira/os. A “semente” ideológica de Chico Mendes germinou materializada através do agroextrativismo, do uso sustentável da floresta como um bem coletivo... uma resposta às privatizações, os cercamentos, e a alienação do trabalho. *Eu produzo óleo de castanha, manteiga de cupuaçu, faço artesanato em cipó e em madeira, agora eu aproveito as madeiras que a natureza põe no chão pra mim, e no lugar daquela que caiu eu ponho outra... a floresta tem que ser preservada de qualquer maneira, porque tudo na floresta é rentável [...] ela é viável em pé! [...] O alvo deles é a castanheira ... Eles compram uma árvore aqui por 200 reais, e quando ela dá menos, ela vai dar aí seus 20 mil reais, só que a madeira tá acabando mesmo, daqui mais uns anos não vai ter madeira e o que que eles ‘tão fazendo? ‘Tão concentrando terra aqui dentro do projeto de assentamento. O que não pode ... aí eu vou pra cima, né. Eu denuncio. Eles sentam, lá no sindicato deles, discutem: - “ah, nós temos que matar fulano” E aí, eles pegam, fazem a vaquinha, né, e contratam quem eles querem para mandar fazer o serviço [...] o projeto está sendo saqueado a cada momento. A biodiversidade está desaparecendo ... Então tem que ficar alguma coisa escrita ... tudo o que eu falo, e qualquer coisa que eu escreva, tem lágrima. Eu acho que a tinta, quando eu tô escrevendo uma coisa, ela é borrada pelas lágrimas...*

¹ José Cláudio Ribeiro da Silva e sua esposa Maria do Espírito Santo da Silva foram mortos em 24 de maio de 2011, emboscados por indivíduos desconhecidos perto de sua residência, alvejados repetidas vezes.



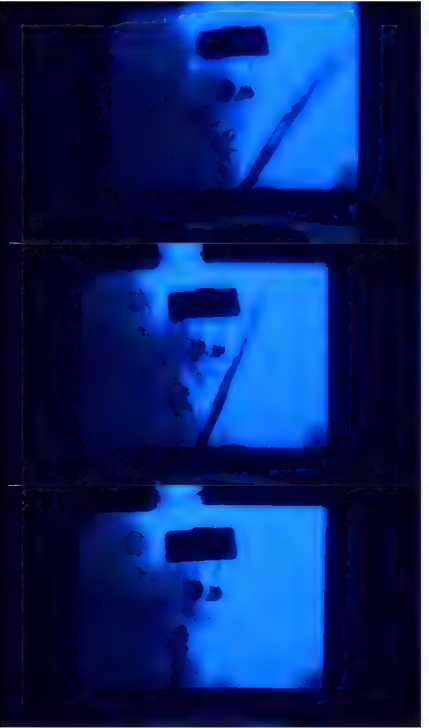
[...]

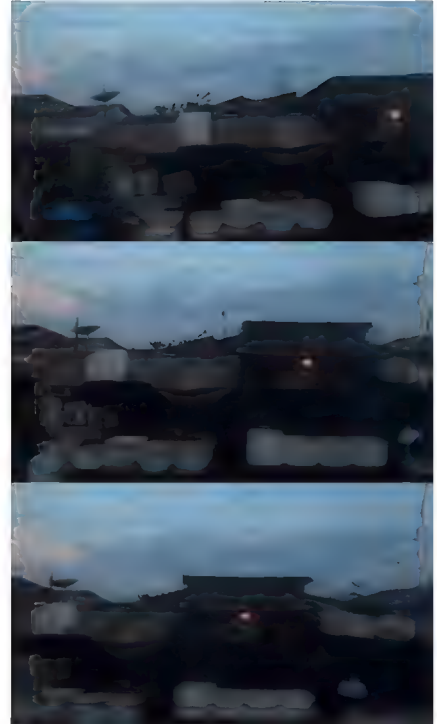
Morto com um tiro na nuca, Fernando era o sobrevivente com depoimento mais rico em detalhes sobre a chacina de Pau D'arco, que resultou na morte de 10 trabalhadores rurais – nove homens e uma mulher – durante ação policial na Fazenda Santa Lúcia... Fernando era uma das principais testemunhas do Massacre e já havia sofrido ameaças. *Eu sinto que tá vindo coisa pesada pra nós aqui... Os policiais estão pensando em vir aqui dar um jeito de não haver mais testemunha antes do julgamento. Não há testemunha, não há julgamento [...]* os primeiros depoimentos prestados deixaram claro que ali não houve nenhuma possibilidade de reação dos trabalhadores... quem teve alguma chance correu e sobreviveu [...] *numa troca de tiro, você não vê ninguém do outro lado ferido? Uma viatura? Tiro a queima-roupa? Tiro na cara?!* [...] O que conseguimos apurar é que isso foi na verdade um consórcio de latifundiários, de grileiros, que contrataram esses policiais pra executar essa ação, pra que ela sirva de exemplo pra todas as outras ocupações da região [...] *a mesma polícia que foi bater em gente nossa na Cipó, no assentamento da Liga dos Camponeses Pobres, foi a mesma polícia que fez o massacre agora na Santa Lúcia [...]* tramita na Justiça do Pará uma ação movida pelo proprietário da fazenda, Honorato Babinski Filho, que busca remover os ocupantes da área [...] o filho do Honorato esteve no velório, com duas pessoas estranhas, que fotografaram parentes das vítimas... *tirou foto do meu filho, do filho do Antônio, depois saiu comentando, "vamo tomar cerveja que o serviço já tá feito" [...]* isso pra mim é ameaça [...] *a realidade da impunidade permanece, e a sensação de medo nas famílias é muito constante, devido essa aliança do latifúndio, com a polícia, e desse estado latifundiário que vivemos...*

Os 16 policiais civis e militares que são réus pelo homicídio estão soltos e exercendo suas atividades enquanto aguardam julgamento. Apenas uma pessoa ligada ao caso está presa: o advogado das vítimas e do assentamento onde ocorreu a chacina, José Vargas Júnior. Mais de vinte organizações de direitos humanos denunciaram a prisão e manifestaram apoio público à Vargas...

[...]

Na mesma semana em que a população recorda dois anos do massacre de Pau D'arco, em que 10 trabalhadores rurais foram mortos na região sudeste do Pará, em Belém (PA), a periferia chora a morte de mais 11 pessoas. Sete pessoas encapuzadas entraram no bar atirando. Oito pessoas já foram identificadas e estão diretamente envolvidas no crime. Sete já estão presas, a maioria é de policiais [...] A última chacina registrada na Região Metropolitana de Belém havia ocorrido em 1º de janeiro, quando 5 pessoas foram mortas no bairro da Cremação por homens encapuzados que chegaram em dois carros. Em 2018, houve duas. Em abril, nove pessoas foram mortas em Belém e Ananindeua. Em outubro, oito foram assassinados no bairro do Tapanã, na capital. [...] no mesmo ano, a ONG Seguridad, Justicia y Paz classificou a cidade como a 10ª mais violenta do mundo. A maior onda de assassinatos ocorrida no estado foi em janeiro de 2017, quando 28 pessoas foram mortas num intervalo de 24 horas [...] Hoje, é normal andar pela cidade e ver corpos pelo chão [...] *Na rua exala o medo, dinheiro corre na mala. Estado desgovernado e manda quem tem mais bala. História com mesmo enredo, foi tiro de carro prata [...] banquete para os coronéis, pro povo água e ração, veneno pros igarapés, pros gringos mais de um milhão. É farra pros fazendeiros, velório pro camponês. A mídia metendo bronca, a barra pesa outra vez [...] pimenta no cú dos outros é record de audiência, mata preto prende pobre e estimula a violência. As cartas estão sobre a mesa...* é normal andar pela cidade e ver corpos pelo chão...





[...]

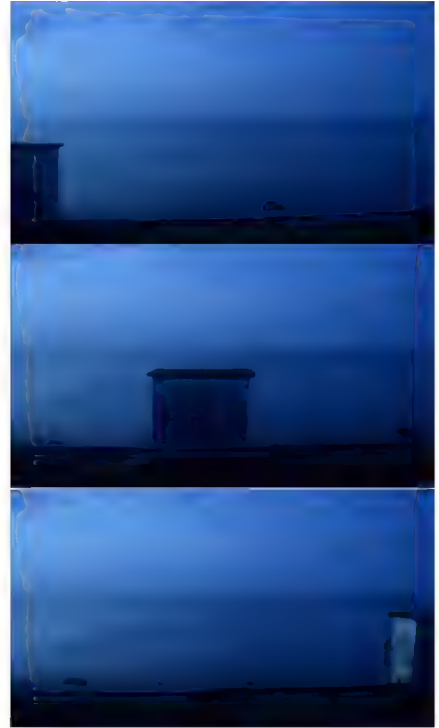
Um navio que transportava carga de cinco mil bois vivos afundou na manhã desta terça-feira (6) no cais do porto de Vila do Conde. Centenas de bois mortos estão sendo levados pelas águas do rio Pará para as margens da praia de Vila do Conde, onde estão ficando encalhados na areia. Máscaras respiratórias estão sendo distribuídas para a população para evitar contaminação, a barreira de contenção que isolava a área do naufrágio rompeu-se na noite do domingo (11), causando um forte mau cheiro por conta da decomposição dos animais e do óleo que se espalhou pelas águas. O banho nas águas foi proibido e o movimento de frequentadores das praias de Barcarena, Abaetetuba e ilhas vizinhas caiu. Pescadores também não puderam mais retirar o sustento dos rios [...]. *Nós vivemos da praia. É daqui que sai comida, bebida, água, pão, tudo. Essas empresas vêm pra cá, derramam as coisas e quem paga o pato somos nós. Quem vai botar comida na minha mesa se não posso mais pescar? Quem vai sustentar os filhos da Dona Maria se ela não tem mais freguês na barraca com a praia fechada?*

[...] Em 15 anos, o rebanho bovino na Região Norte cresceu 22%, a maior taxa entre todas as regiões do Brasil [...] 80% do desmatamento na região amazônica é em decorrência da atividade de pecuária [...] está se produzindo carne onde antes era floresta...

[...]

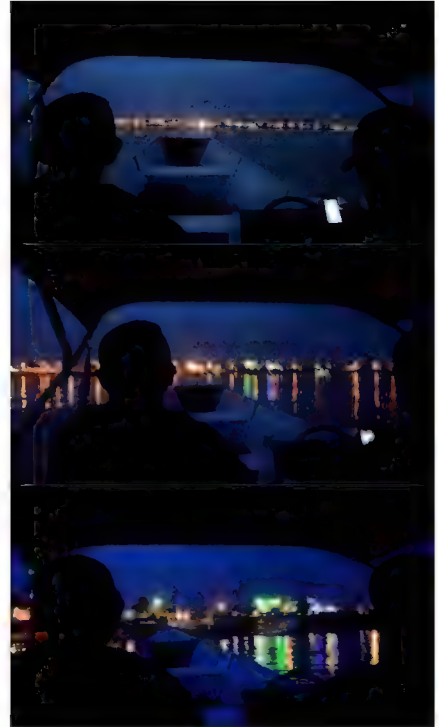
O rio Pará e o rio Murucupi estão contaminados, as águas não prestam mais, não servem mais pra nada. A palavra Murucupi significa braços tortuosos, agora nem sei mas o que significa... Técnicos do Instituto Evandro Chagas, do Ministério da Saúde, apresentaram hoje (22) laudo comprovando que um depósito de resíduos da empresa mineradora Hydro Alunorte,² localizado em Barcarena, região metropolitana de Belém (PA), transbordou no último fim de semana, despejando uma quantidade ainda incerta de efluentes tóxicos no meio ambiente. [...] Análise de amostras do material colhidas no local aponta a presença de níveis elevados de chumbo, alumínio, sódio e outras substâncias prejudiciais à saúde humana e animal [...] O vazamento de rejeitos não inaugura no país um problema desconhecido, ao contrário expõe o grave problema mineral que existe no Brasil, onde empresas como a Hydro Alunorte se beneficiam de isenção e incentivos fiscais, baixo pagamento da CFEM (Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais) e relação promíscua com órgãos públicos...

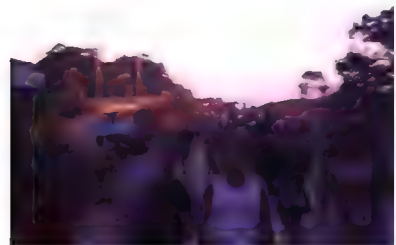
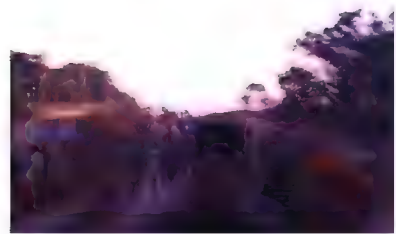
² A Hydro Alunorte é uma mineradora norueguesa com atuação na cidade de Barcarena (PA) – 34% do capital desta empresa pertencem ao Estado norueguês. É a maior do mundo no ramo de processamento de bauxita para alumínio. Segundo os dados da própria empresa, 86% da sua produção são destinados à exportação.



[...]

As águas do Madeira invadiram a BR-364, a única ligação rodoviária do Acre com o restante do país. Em Porto Velho, o Madeira está acima dos 19 metros, o maior nível desde 1982. A Defesa Civil de Rondônia estima que a BR-364 estará tomada pelas águas até o fim de março, postos da cidade de Rio Branco colocaram cones em frente às bombas, sinalizando que não há gasolina, diesel ou etanol. [...] *O nosso estoque de hortifrúti é para no máximo três dias. Nos outros produtos, como arroz, feijão, trigo também já há uma redução de estoque, com previsão de durar no máximo mais 20 dias. Já enfrentamos dificuldades para fazer a reposição nas prateleiras* [...] O governador do Acre procurou o ministro da Agricultura para tratar da importação de alimentos do Peru [...] o Núcleo de Apoio à População Ribeirinha da Amazônia (Napra), do Movimento dos Atingidos por Barragens, afirma em nota que a inundação do Rio Madeira foi intensificada após ilegal e descompassado aumento dos reservatórios de água das usinas hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio ao juntarem-se com a época de chuva que recai sobre a região, dando incisiva causa ao alagamento que se estende de Guajará-Mirim à Calama [...] *foi um grave erro a construção das duas represas, uma perto da outra, “em um rio enorme”, como é o Madeira, que recebe as águas do caudaloso Mamoré, do Rio Beni e, mais ao norte, do Abuná* [...] *a realidade é preocupante, pois diante do descontrole a opção brasileira é evitar as inundações em Porto Velho, em detrimento das planícies amazônicas bolivianas, e deixar que os rios “mudem de leito”, que as águas retrocedam e inundem grande parte de Beni* [...] os prejuízos estão relacionados com a grande diminuição da pesca, a perda de espécies que “sobem” do Atlântico aos olhos d’água, a inundação na área onde cresce a castanha amazônica e, até agora, a morte de mais de cem mil cabeças de gado do rebanho de Beni e os cerca de 200.000 desabrigados [...] O presidente Evo Morales ordenou uma investigação que permita estabelecer se as graves inundações têm relação com as represas brasileiras...







[...]

70 indígenas Munduruku ocuparam o Museu de História Natural de Alta Floresta, em Mato Grosso. O local guardava 12 urnas funerárias (Itiğ'a, na língua Munduruku) e diversos outros artefatos escavados em um cemitério sagrado para os indígenas durante o processo de licenciamento da Usina Hidrelétrica Teles Pires [...] a construção da UHE destruiu Karobixexe, ou Cachoeira das Sete Quedas, um local sagrado para os povos Munduruku, Apiakã e Kayabi. A corredeira dinamitada em 2013 era considerada um portal para onde os espíritos iam após a morte... morada da "Mãe dos Peixes", responsável pela reprodução das espécies que habitam o rio. Para os Munduruku os efeitos foram devastadores. Eles relatam uma série de infortúnios decorrentes da profanação de seus locais e objetos sagrados, *não podemos mais deixar os espíritos ali. Eles reclamam do frio, da cidade, e se vingam porque não os estamos protegendo... Nós pajés, guerreiras, mulheres, crianças e lideranças do povo Munduruku do alto, médio Tapajós e baixo Teles Pires, resgatamos a mãe dos peixes, a mãe das queixadas, mãe da tartaruga, mãe do jabuti, mãe do tracajá... Os representantes das empresas disseram que só podíamos fazer visita e que não podiam entregar as Itiğ'a. Queriam mandar a gente embora... **Nós não negociamos nossos espíritos...** O que os pariwat olham como objetos, nossos pajés sabem que são nossos antepassados. Os espíritos foram arrancados da sua terra e estavam tristes, nós tivemos que devolver eles ao nosso território... todos sentiram os espíritos gritando odaxijom (socorro)... Guiados pelos nossos sábios pajés, que ouvem os lamentos dos espíritos, entramos no Museu de História Natural de Alta Floresta-MT para cumprir nossa obrigação... Nenhum Museu de pariwat é lugar de Itiğ'a... Fizemos como na nossa história, quando Wakoborun teve coragem para resgatar a cabeça de seu irmão das mãos dos inimigos...*

[...]

As terras dos Guajajaras são vigiadas e protegidas pelos Guardiões da Floresta desde 2016 — papel que caberia ao Estado brasileiro. Atualmente, cerca de 17 grupos de guardiões monitoram as terras indígenas maranhenses munidos de caminhonetes 4x4, quadriciclos, drones, aparelhos de GPS, espingardas, e arcos e flechas. *Em 2015, a minha cabeça tava valendo pros madeireiros R\$ 60 mil*, relata o cacique da aldeia Maçaranduba, Antônio Wilson Guajajara. O clima de tensão vem se mantendo alto, e a morte do guardião da floresta Paulino Guajajara ainda não foi esclarecida. Os Ka`apor também cansaram de esperar pela ajuda do Estado e decidiram romper com a sociedade dos karaís. *Autonomia é ficar só. É não depender de ninguém, é se virar*. Desde 2013 eles colocam a própria vida em risco para expulsar madeireiros do território. *A morte da floresta é a morte de nosso povo*. A língua foi a base de um novo sistema de educação. No conselho as decisões são tomadas de maneira coletiva, em contraste com os caciques que tomavam as decisões de maneira unilateral. *Somos o jabuti e o governo, a anta, não podemos ficar parados [...]* eles seguem a trilha dos invasores, tomam seus equipamentos, queimam seus veículos e expulsam os madeireiros [...]. Em seis lanchas, dezenas de Munduruku armados com flechas e espingardas de caça saíram em expedição para expulsar garimpeiros de suas terras, *viemos nós mulheres com bebês de colo, os caciques e os guerreiros, e avisamos para se retirem todos os pariwats [...]* Isso é muito perigoso para nós. *Se acontecer alguma coisa com nós... responsabilizamos o Estado e seus órgãos que não fazem nada [...]* decretamos que não vamos esperar mais pelo governo. *Decidimos fazer a autodemarcação, queremos que o governo respeite o nosso trabalho, respeite nossos antepassados, respeite nossa cultura, respeite nossa vida [...]* Cacique Dadá, vigilante da terra Indígena Maró está jurado de morte por defender seu povo e o direito da floresta permanecer em pé... *isso vem ocorrendo fundamentalmente pelas madeiras nobres, como o Ipê Roxo, o Jatobá, a Maçaranduba e o Jacarandá, na Europa o valor por cada m³ passa fácil dos 7 mil reais*.

FORA MADEIREIRO
TERRA INDÍGENA JÁ!



[...]

O cacique Emyra Wajãpi foi atacado enquanto voltava da casa da filha. O corpo foi encontrado dentro de um rio. Ele foi esfaqueado, teve os olhos perfurados e o órgão genital decepado. A primeira notícia dizia que foi assassinado por um grupo de garimpeiros que invadiu a Terra Indígena Wajãpi, no município de Pedra Branca do Amapari [...] A Fundação Nacional do Índio confirmou a morte, mas tratou a ação dos garimpeiros como “suposta invasão à Terra Indígena”. O presidente da República pôs em dúvida a existência de conflito [...] o Poder Executivo iniciou a discussão sobre o envio ao Congresso Nacional do Projeto de Lei 191, que regulamenta o § 1º do art. 176 e o § 3º do art. 231 da Constituição, para estabelecer as condições específicas para a realização da pesquisa e da lavra de recursos minerais, inclusive a atividade garimpeira, de extração de hidrocarbonetos, e de aproveitamento de recursos hídricos para geração de energia elétrica em Terras Indígenas [...] nos municípios de Itaituba e Trairão, no Pará, o povo Munduruku já está sofrendo com o impacto do mercúrio usado largamente em atividade de garimpo [...] os peixes, principal fonte de proteína das comunidades, estão contaminados. Um estudo realizado pela Fiocruz indica que de cada dez indígenas, seis apresentaram níveis de mercúrio acima de limites seguros, *a atividade garimpeira vem promovendo alterações de grande escala no uso do solo nos territórios tradicionais da Amazônia, com impactos socioambientais diretos e indiretos para as populações locais, incluindo prejuízos à segurança alimentar* [...] O mais assustador é a constatação de que a invasão garimpeira se dá nos mesmos moldes daquela invasão ocorrida, em massa, no final da década de 1980 e início de 1990 que vitimou através de armas de fogo e de epidemias aproximadamente 2.000 Yanomamis. Os garimpeiros dentro da terra Yanomami já chegam em torno de 1.500 pessoas. O decreto legislativo aprovado na semana passada pelo Congresso Nacional que autoriza a reabertura do garimpo de Serra Pelada (PA) gerou tensão entre grupos rivais de garimpeiros pelo direito à exploração de cem hectares da área. Há risco iminente de conflito, diz a polícia.





Lista de Imagens
[na ordem em que aparecem]

1. Vista aérea do Marajó, voando no trecho Macapá-Belém, 2014;
2. Transamazônica, trecho entre Tucuruí e Altamira, 2013;
3. Canteiro de Obras da UHE de Belo Monte, 2013;
4. Transamazônica, vista interna de micro-ônibus no trecho entre Altamira e Itaituba, 2013;
5. Bairro do Programa Minha Casa Minha Vida, as Margens da Rodovia Transamazônica, 2013;
6. Transamazônica, vista interna de micro-ônibus no trecho entre Itaituba e Jacareacanga, 2013;
7. Entrada da cidade de Altamira, Rio Xingú ao fundo, 2013;
8. Panorâmica do lago-reservatório da UHE de Tururuí, 2013 ;
9. Travessia de voadeira sobre rio Tapajós, chegada em Itaituba, 2013;
10. Marcha dos movimentos sociais e indígenas em direção ao canteiro de obras da UHE de Belo Monte, 2011;
11. Indígenas Kayapó paralisando a Rodovia Transamazônica, em frente a UHE de Belo Monte, 2011;
12. Kaapor paralisam a BR-316 em protesto contra a invasão de madeireiros em seu território, 2015;
13. Área desmatada por queimada em trecho da Transamazônica no município de Apuí-AM, 2013;
14. Rio Amazonas, algum lugar entre Santarém e Breves, 2016

- - - - -

Notas de Saída

Os conteúdos textuais presentes nesta publicação resultam de um trabalho de citação [corte e colagem] de materiais já publicados e disponíveis na web [trechos de matérias jornalísticas, de artigos, de dissertações acadêmicas, de cartas de movimentos sociais e indígenas, de áudios transcritos de documentários e reportagens, etc.]. A lista completa com os links, que dão acesso à íntegra dos conteúdos de onde trechos foram apropriados [bem como a informações referentes a seus autores], pode ser encontrada em **www.amazoniaanozero.hotglue.me**. Ao folhear esta publicação, o leitor se encontra em uma encruzilhada que lhe oferece uma visão panorâmica, ao mesmo tempo em que sinaliza múltiplas direções possíveis a seguir. Amazônia, Ano Zero opera como agente-intermediário, construindo pontes entre os que vieram antes, e os que virão depois. Não oferece pontos de chegada, apenas lugares de passagem. Aprofundar-se em cada questão, bem como o sentido de qualquer trajetória futura, é escolha do leitor.

As fotografias que compõem as 16 fotosequências presentes nesta publicação, são originalmente frames de vídeo produzidos em diversos suportes digitais, entre 2011 e 2016, rastros visuais íntimos de trajetórias passadas, que nesta publicação se misturam a trechos textuais objetivos que constituem a história presente de um território em disputa. Em **www.amazoniaanozero.hotglue.me**, esses vídeos encontram-se disponíveis para visualização, download [via torrent], e livre utilização para fins não comerciais.

Metadados

Realização: Atelier Floresta

Organização: Hugo do Nascimento

Curadoria: Hugo do Nascimento e Luah Sampaio

Colaboradores: Flavia do Amaral e Hugo Caetano

Revisão de Texto: Raphíssima

* Produzido na Ilha de Cotijuba, Amazônia Insular

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amazônia, ano zero / organização Hugo Gomes do Nascimento. -- Belém, PA : Atelier//Residência Floresta, 2021.

ISBN 978-65-996450-0-6

1. Amazônia 2. Amazônia - Brasil 3. Amazônia - Civilização 4. Amazônia - Aspectos ambientais 5. Amazônia - Aspectos sociais 6. Arte 7. Fotografia 8. Território nacional - Brasil I. Nascimento, Hugo Gomes do.

21-88197

CDD-981.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia : Brasil : História 981.1
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Este projeto foi contemplado no Edital de Livro e Leitura da Secretaria de Estado de Cultura, SECULT, via Lei Aldir Blanc



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO



